

**A CULTURA NA UNIVERSIDADE. MEMÓRIAS DA PRÓ-REITORIA DE CULTURA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI**

Luis Celestino de França Júnior<sup>1</sup>  
Yasmin Gonçalves Lima<sup>2</sup>  
Thiago Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** A frase "O tempo é a imagem móvel da eternidade" atribuída ao filósofo grego Platão é não só uma bela definição do que pode vir a ser o tempo, mas uma provocação de que esse tempo por ser móvel é inapreensível plenamente. O trabalho parte dessa certeza de que é impossível pegar o tempo como se fosse uma matéria sólida que possa ser descoberta tal qual uma visão que se tem da arqueologia para reconstruir através de fragmentos de memória obtidos por entrevistas com sujeitos que tiveram envolvidos na ousadia da criação da Pró-Reitoria de Cultura (Procult) da Universidade Federal do Cariri. A elaboração, formulação, proposição e os embates internos que levaram à criação de uma Pró-reitoria específica para tratar a Cultura agregando o tema diante de pesquisa, ensino e extensão é uma novidade de tamanho tal que precisaria de um documento que narrasse e reconstruísse todo o processo de criação da Procult da UFCA e é isso que esse trabalho buscou. Trata-se, portanto, de uma comunicação de projeto que se iniciou em 2018 e que está construindo, a partir das leituras de autores como Henri Bergson, Eclea Bosi e Maurice Halbwachs, um projeto de construção de um livro e de um acervo digital de entrevistas com pessoas que estiveram envolvidas na criação da Procult. O trabalho tenta se afastar de uma memória institucional e documental, tentando trazer as narrativas das pessoas envolvidas nesse processo.

**Palavras-chave:** Pró-Reitoria de Cultura, Cultura na Universidade, Memória.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Cariri. Doutor em Comunicação pela UFPE. E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri e bolsista da Pró-reitoria de Cultura. E-mail: yasmin.gon.lima@gmail.com.

<sup>3</sup> Produtor Cultural na Universidade Federal do Cariri. Pesquisador do Observatório Cariri de Políticas e Práticas Culturais. E-mail: thiago.rodrigues@ufca.edu.br.

## **Introdução**

É possível ver nos espaços das Universidades em todo o mundo a circulação de manifestações culturais e a expressão de linguagens artísticas as mais variadas sem falar que a própria cultura universitária é marcada como lugar de cultura própria em que o pensamento reflexivo costuma envolver muitas vezes a formação de sujeitos com um olhar alternativo ao mundo. Talvez uma boa constatação do que as Universidades devam ser seja essa: cabe a elas o acolhimento de visões alternativas sobre o mundo.

No caso brasileiro, as Universidades Federais pelo seu maior investimento em pesquisa e pela diversidade de cursos com estrutura financiada pelo Estado brasileiro acabam sendo um dos locais privilegiados do país para a circulação da cultura, da arte, da crítica e da articulação de todos os esses elementos. Ainda mais se considerarmos que várias Universidades tradicionais criaram na última década campi avançados em cidades do interior isoladas e distantes das capitais bem como Universidades novas foram criadas distantes dos grandes centros urbanos.

Foi em meio a essa experimentação sobre algo novo e num local tradicionalmente conhecido como de confluência de diferentes culturas que um grupo de docentes e servidores técnicos propôs a criação de uma Pró-Reitoria de Cultura, uma inovação diante da tradição da institucionalização universitária que costuma colocar a cultura dentro das pró-reitorias de extensão. Assim, mesmo universidades que detêm museus históricos, casas de cultura e centros culturais não tem Pró-reitoria de Cultura.

Criada em 2013, a Universidade Federal do Cariri decidiu apostar na criação de uma Pró-Reitoria de Cultura desde o início, um desafio e tanto pela novidade e consequentemente impossibilidade de fazer comparativos com outros modelos já instituídos de Pró-Reitoria. De que cultura se estava falando? Quais os eixos de atuação? Como atuar diante da máquina administrativa-burocrática? Que debates internos seriam preciso ser feitos? E uma série de outras questões.

Em 2018, a Pró-Reitoria parece consolidada e outras Universidades Brasil afora discutem como tratar o tema da cultura dentro de sua estrutura administrativo-burocrática. na UFCA, o desafio parece ser a permanente consolidação e experimentação dentro da Procult.

O presente trabalho visa apresentar um projeto em andamento na UFCA de reconstrução da memória da Procult a partir da realização de entrevistas com pessoas

envolvidas nesse processo. As entrevistas deverão compor um livro e os vídeos das entrevistas estarão editados e ficarão disponíveis para consulta pelos interessados em pesquisas sobre o tema contribuindo para o debate sobre a institucionalização da cultura nas Universidades.

Nesse sentido, o presente trabalho fará uma apresentação da Procult e o problema da ausência da institucionalização da cultura nas Universidades (muitas vezes a cultura aparece subordinada às Pró-Reitorias de Extensão), atravessando leituras de autores como Maurice Halbwachs (2013), Henri Bergson (2009) e Eclea Bosi (2016). Conscientes de que alcançar o passado é algo impossível, nos sendo relegado o acesso a fragmentos dos acontecimentos inscritos nas memórias dos sujeitos, nos atiramos nessa empreitada que é também visto por nós como um ato político de afirmação do lugar da cultura na Universidade.

### **Pró-Reitoria de Cultura na UFCA. O local da cultura na Universidade**

Já não é mais novidade que a Universidade seja enquanto ambiente ou seja enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão também um "local de cultura", aqui entendido num sentido mais amplo que a envolve tanto como centro cultural promotor de diferentes dimensões que englobam a mostra de linguagens artísticas, como um ambiente de convivência das diversidades de toda ordem, religiosa, alimentar, étnico-racial, de gênero, entre tantas outras. A cultura universitária ganha sentido e potência enquanto locus de resistência e de possibilidades outras que contestem modelos hegemônicos quando engloba, para além das dimensões de ensino, pesquisa e extensão, possibilidades de vivências e práticas que instiguem sujeitos políticos plurais, ou seja, cidadãos que vivenciem diferentes possibilidades de experiência na Universidade.

Nesse sentido, a Universidade Federal do Cariri (UFCA) trouxe uma inovação desde sua criação, de acordo com a Lei Nº 12.826, de 5 de junho de 2013: a criação de uma Pró-Reitoria de Cultura (Procult). Desde o início a Procult se esforçou em não ser uma mera "promotora de eventos" da instituição e passou por uma série de fases que vão desde debates iniciais para encontrar o melhor formato e orientar suas ações, bem como enfrentou uma série de debates internos em que seus diretores e servidores técnicos tinham que, a todo momento, responder o porquê da necessidade de uma pró-reitoria de cultura partindo do argumento de alguns de que em várias instituições a cultura se encontra dentro das pró-reitorias de extensão.

A Procult acabou vencendo resistências internas no seu processo de implantação. Não que essas divergências internas não permaneçam. Porém durante o ano de 2016, quando dos debates sobre o Estatuto da UFCA, foi reafirmado o compromisso e interesse da instituição em manter dentro da estrutura organizacional da Universidade uma Pró-reitoria específica para tratar da cultura. A Procult acabou por ganhar visibilidade nacional e se tornar uma referência para o campo da cultura nas Universidades brasileiras fazendo com que a UFCA seja uma das poucas Universidades do Brasil que mantém uma Pró-reitoria de Cultura.

A pesquisa, que está em andamento, visa reconstruir aspectos da memória da Procult a partir de entrevistas com diferentes pessoas que ajudaram a construir a estrutura da pró-reitoria em diferentes momentos de sua trajetória histórica. O projeto se articula entre as perspectivas de memória coletiva, pensada por Maurice Halbwachs (2004) e memórias individuais pensada por Ecléa Bosi (2016) e Henri Bergson (2010). Importante pensar que, a partir das memórias individuais de diversos atores envolvidos na construção da Pró-reitoria, é possível reconstruir um aspecto da memória coletiva da própria Universidade. Nesse sentido, o projeto vem ocupar uma lacuna de memória institucional da UFCA.

### **Memória: entre o presente e o passado**

Parece ser recorrente entre autores que trabalharam o tema da releitura (BOSI, 2016; HALWBACHS, 2004) que o objetivo de quem busca uma releitura é tentar trazer para o presente as sensações que existiam quando da primeira experiência sobre algo ou sobre alguma vivência. É quase como se a expectativa de quem busca uma releitura fosse a de que ao ler textos da época, ver fotos, ouvir áudios, ver vídeos ou tocar e observar materiais do passado pudesse com isso trazer do passado algo mínimo que fosse dessas experiências e vivências todas e, com isso, pudesse reviver de alguma forma tudo aquilo.

O problema se dá a partir do momento em que em contato com esses objetos do passado o sujeito está, na verdade, diante de algo novo. Está lendo um livro novo. Ouvindo um áudio novo. Tocando em um objeto recém-descoberto, portanto, novo para ele. Esse é o paradoxo da releitura que não se resolve de forma fácil: todo contato com o passado é tocado por um presente que o atualiza e o torna novo fazendo com que seja impossível apreender ou reconstruir plenamente o passado diante da impossibilidade de trazer ao presente as dimensões sensoriais envolvidas quando das vivências e experiências do passado. Partimos

então dessa constatação - a de que o passado é algo inapreensível de forma plena - para tentarmos dialogar o trabalho de memória da Pró-Reitoria de Cultura com alguns dos autores que pensam a memória como problema.

Ecléa Bosi (2016) chama atenção para dois aspectos que costumam ser ressaltados quando se trabalha no "hoje" com dados do "ontem" ou, dito de outra forma, quando alguém busca compreender no presente algo produzido anos atrás. O primeiro talvez seja o mais óbvio e, ao mesmo tempo, o mais difícil de debater contrariamente: a constatação de que a leitura do passado é fortemente marcada pelo presente. Ela compara com a experiência da leitura de um livro novo:

Parece que estamos lendo um livro novo ou, pelo menos, um livro remanejado. Novo ou remanejado em duas direções: em primeiro lugar, porque só agora nos deparamos em certas passagens, certas palavras, certos tipos, certos detalhes de ambientação que nos tinham escapado na leitura inicial: o nosso espírito, hoje, mais atento à verossimilhança da narrativa e à estrutura psicológica das personagens, move-se em uma direção crítica e cultural que, evidentemente, não podia entrar nos quadros culturais da primeira leitura. (BOSI, 2016, p. 57)

O segundo aspecto é o fato de que aquilo que um dia pareceu muito importante no passado, pode ter perdido relevância no presente e a tendência é ser minimizado ou tratado sem o devido relevo que ajude a dimensionar o quanto aquilo motivou decisões, impactou os sujeitos e foi levado em consideração naquele momento. Aprender essa dimensão é difícil e, muitas vezes, se o pesquisador não se mostra atento a tendência é que isso venha a ser apagado. Diante disso, Bosi (2016) nos chama atenção então para que o papel do historiador na releitura é o de reconstruir, na medida do que lhe for possível, uma espécie de "fisionomia" dos acontecimentos. Será importante ressaltar que o trabalho de memória da Procult da UFCA não é um trabalho historiográfico, mas em certa medida se aproxima dessa compreensão das impossibilidades apontada por Bosi e tenta reconstruir essa fisionomia dos acontecimentos envolvidos na criação da Pró-Reitoria.

Bergson (1999) destaca que as relações entre a conservação do passado e a articulação com o tempo presente é marcada por uma espontaneidade e liberdade da memória em relação a qualquer esquema mecanicista que tentasse apreender no sujeito as dimensões da memória.

Alojada no inconsciente, o trabalho de contactá-la não deve estar preso a uma técnica ou uma crença de que é materializável como um objeto. O inconsciente é, inclusive, lugar de disputa para o apagamento de determinados acontecimentos, ou seja, faz parte do trabalho da memória individual a disputa entre aquilo que vai e deve ser lembrado e aquilo que deve ser esquecido não tendo o sujeito controle consciente de como isso ocorre dado o conjunto de variáveis envolvidas nesse processo.

Bergson propõe uma divisão da memória em dois tipos: memória-hábito e imagem-lembrança. A memória-hábito é aquela mais envolvida nos esquemas motores da rotina do dia a dia. Já a imagem-lembrança é marcada por imagens que remetem a momentos marcantes, determinantes e importantes e que trazem o sujeito de volta a uma experiência do passado por assim dizer. O problema é que esses dois tipos: a memória-hábito e a imagem-lembrança não são excludentes e são, na verdade, bastante conflitivas.

Assim, por exemplo, a rotina de um hábito naturalizado pelo seu uso e experiências repetidas pode afetar a compreensão que o sujeito tem de uma imagem relevante do passado fazendo com que, muitas vezes, aconteça uma distorção dessa imagem. É quase como se dizer que os conhecimentos úteis do trabalho social atacam a evocação de imagens outrora determinantes. O contrário também ocorre com as imagens determinantes de um evento passado trazendo um caráter subjetivo árduo ao presente. Conforme nos lembra Bosi (2016), não há em Bergson um tratamento da memória como fenômeno social. Sua preocupação se dava entre a subjetividade e a exterioridade ou entre a memória e a percepção.

Já em Halwbachs (2013), a reconstrução do passado deve ser vista como fenômeno social em que não há memória individual que não seja influenciada e tocada por grupos sociais ou por uma memória coletiva. A polêmica da obra é a sua interpretação de que não haveria uma memória individual pura e plena, já que toda experiência individual seria tocada por algum grupo social. Tentemos nos afastar de afirmações tão categóricas para "aproveitar" algumas provocações que nos é feita pelo autor.

A primeira talvez seja a constatação de que há uma linguagem em comum e que, portanto, um conjunto de significantes em comum de um determinado grupo já é usado pelo indivíduo nessa tentativa de reconstruir o passado. Mas, para além da linguagem, ele nos provoca a pensar a ideia de uma memória coletiva que não seja um conjunto de memórias individuais que se toquem ou dialoguem entre si, mas um conjunto de pessoas de um

determinado grupo social que experimentam de forma individual uma experiência única. Parece complicado embora não devemos criar a ideia de que seja apreensível. Aqui o problema passa a ser de outra ordem. A memória coletiva é um lugar de disputas de sentido entre diferentes sujeitos que a viveram e mesmo entre os que lêem os acontecimentos "de fora" a partir dos depoimentos coletados através de entrevistas.

De forma resumida, o pensamento de Halbwachs talvez esteja presente nessa citação:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

O que parece irritar seus críticos é que de forma reiterada ao longo do texto, o autor negar a importância e mesmo a existência de uma memória individual.

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Não se trata de um trabalho de psicologia social, portanto não entraremos em detalhes sobre o processo de embate entre a memória individual e a memória coletiva, bem como sobre a assimilação de experiências coletivas nas memórias individuais. Apenas mostramos estar conscientes desses embates no campo teórico e de que podemos enfrentar alguns dos problemas suscitados e sugeridos pela leitura desses autores. É partindo disso que entendemos ser necessário um olhar para as técnicas da entrevista.

Há uma série de diferenças entre as entrevistas para a história e entrevistas para o jornalismo. Enquanto na história muitas vezes há uma preocupação com a história de vida e com a narrativa livre da memória do sujeito, no jornalismo a entrevista é uma técnica e, para

muitos autores um gênero, que tenta responder questões específicas de uma reportagem e de uma notícia. Somente às celebridades e figuras do star system ou do meio político a entrevista é usada como tentativa de se aprofundar a história de vida dos sujeitos. Some-se a isso o fato de que as empresas jornalísticas são marcadas por interesses comerciais por serem empresas privadas e que, portanto, há de se fazer uma série de ressalvas e ponderações na leitura de uma entrevista jornalística. Pior ainda quando isso ocorre em peças de propaganda eleitoral quando candidatos tentam passar o estatuto da verdade em entrevistas que são, na verdade, peças publicitárias.

Pois bem, o trabalho tenta se apropriar das técnicas da entrevista jornalística em profundidade para reconstruir um fragmento da história de vida das personagens selecionadas. Nesse sentido, se aproxima da provocação feita por Cremilda Medina (1995):

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta técnica fria nas relações entrevistado-entrevistador não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 1995, p. 5)

Nesse sentido, o trabalho buscará realização de entrevista-diálogo que mais do que tentar arrancar verdades, confrontar versões e garimpar histórias escondidas no inconsciente dos sujeitos, realizará entrevistas na busca desse diálogo sobre fragmentos de histórias de vida de algumas personagens envolvidas na construção da Pró-Reitoria de Cultura.



### **Metodologia (Caminhos da pesquisa)**

Em geral, as instituições só percebem a importância e relevo de construir projetos de memória depois de uma série de fatos e de uma trajetória histórica consolidada. Muitas vezes esses projetos sequer existem e vem, quando muito, de trabalhos acadêmicos que buscam investigar aspectos e acontecimentos específicos, bem delimitados e localizados. Ainda assim, constroem projetos de memória institucional voltados somente a arquivos de documentos e de publicações.

Buscando dar conta de registrar a história da Procult, contemplando as várias narrativas em volta dos processos e fatos que deram origem a esse setor na Universidade Federal do Cariri, assim como aos processos em curso ou que modificaram a estrutura inicial do setor, temos o desafio de nos debruçarmos sobre um método de trabalho que pudesse abarcar as várias nuances existentes. Assim sendo, não nos deteremos a uma metodologia hermeticamente definida e consolidada, e sim, nos valeremos de vários métodos que nos permitam trazer à tona as narrativas ainda não registradas.

A etapa inicial do projeto consiste na pesquisa em arquivos, pesquisa de material jornalístico e pesquisa acadêmica em torno da Pró-reitoria. Esse processo permitirá a definição das pessoas que serão entrevistadas. Precisaremos, para viabilizar essa etapa, ter acesso a materiais da PROCULT desde 2013, como: Publicações no Diário Oficial da União (D.O.U.), Resoluções do Conselho Superior da UFCA (CONSUP), Resoluções internas da Pró-reitoria, Portarias, Atas de reuniões, Relatórios de ações e gestão, para podermos traçar uma historicidade dos fatos que envolveram o setor, assim como das pessoas que participaram desses fatos e se envolveram nos processos concernentes à história da PROCULT. Em paralelo, faremos uma pesquisa de material jornalístico (clipping) do que foi veiculado sobre a PROCULT na imprensa de 2013 para cá, assim como uma pesquisa sobre trabalhos acadêmicos que falem sobre a pró-reitoria ou de projetos vinculados à PROCULT que foram apresentados e/ou publicados em eventos e revistas acadêmicas.

A partir do acervo coletado nessa etapa inicial do Projeto teremos condições de elaborar uma lista de pessoas para entrevistarmos, desde servidores lotados na Pró-reitoria, a estudantes que foram bolsistas no setor, passando por pessoas de outras instituições do Cariri que foram impactadas por ações de Cultura da UFCA, sem esquecer, claro, de buscarmos identificar e ouvir pessoas da Comunidade Acadêmica que manifestem desacordo ou

divergências com a existência e escopo de atuação da PROCULT. O intuito das entrevistas é perceber o caráter subjetivo que permeou esses processos, sejam avaliações, silenciamentos, disputas ou lembranças.

Consciente de que a memória é lugar de disputa permanente com o esquecimento e com a própria invenção de algo na mente dos entrevistados, na construção de um mosaico de pontos de vista diferente é possível, em alguma medida, amenizar esse caráter sempre livre da memória, que não é algo sólido e consolidado, mas objeto de permanentes mudanças e reconfigurações. A seleção dos entrevistados se dará ao longo do processo de trabalho do projeto podendo inclusive inserir alguns atores que colocaram resistência ao mesmo.

De posse da pesquisa documental e das entrevistas, daremos início à terceira etapa do projeto, que consistirá na montagem desse mosaico de fatos, processos, pontos de vista e pessoas para escrevermos os textos que registrarão essa história. A ideia aqui não é a construção de uma narrativa linear e com pretensões de verdades incontestes, mas sim, a tecitura de pontos que formam uma história, sempre preocupados em não silenciar as divergências e em evidenciar alguns silêncios também. A pesquisa, então, não visa investigar nem reconstruir a trajetória documental da Procult, mas, na tentativa de também identificar subjetividades e afetos, pensa a entrevista como a possibilidade de estabelecer e criar um diálogo com a memória dos entrevistados.

Diante do exposto, o projeto visa colaborar não só para um mero registro da memória da Procult da UFCA, mas marca uma posição política clara e importante que é a do lugar de relevo que a cultura deve ter na Universidade brasileira podendo ser vista e distribuída Brasil afora para instigar outras instituições a também pensarem qual deva ser o lugar da cultura dentro de suas estruturas político-administrativas.

### **Considerações finais (e parciais)**

Por se tratar de um trabalho em andamento (work in progress) algumas considerações são parciais e dão prosseguimento a uma série de questões que estão sendo encontradas na delimitação dos entrevistados. Assim, levantamos três aspectos principais na problematização do trabalho.

A primeira é a inserção de nomes que não compõem a comunidade acadêmica da UFCA mas que participaram desse processo. Intelectuais, artistas, professoras e professores universitários de diferentes partes do Brasil participaram de eventos em Juazeiro do Norte promovidos pela UFCA com o objetivo de ajudar a formular concepções que embasassem a atuação da Procult. Nesse sentido, um conjunto de pessoas que pensam e atuam sobre a cultura fora da Universidade Federal do Cariri (UFCA) devem ser entrevistados. A ida ao Enecult ajudaria inclusive na realização de uma série dessas entrevistas considerando ser um evento nacional que costuma atrair nomes que pensam os estudos culturais no país.

O segundo aspecto é que a Procult incomodou alguns nomes da comunidade acadêmica que no debate interno se mostraram críticos da criação da Procult. Diante disso, eis o dilema: inserir ou não esses sujeitos entre o rol de entrevistados mesmo sabendo que os mesmos não tiveram ação direta em qualquer atividade da Procult, mas algumas atividades da Procult vieram em resposta à provocação e crítica dessas figuras.

O terceiro aspecto é retomar os projetos que foram abandonados ou as ideias que surgiram mas ficaram pelo caminho. É difícil rastreá-las se não estiverem presentes em algum documento ou vídeo do passado e muitos podem se perguntar qual o objetivo de trazê-las pra o projeto que visa reunir entrevistas sobre a Procult. A questão parece ser exatamente a de escavar na memória dos entrevistados aquilo que se abandonou ou que foi considerado menos importante.

O trabalho se inscreve assim numa proposta experimental de memória das atividades de uma Pró-Reitoria de Cultura, da ação de algumas pessoas que dela participaram, podendo se transformar num banco de dados que pode subsidiar pesquisas Brasil afora sobre a institucionalização da cultura nas Universidades.

### **Referências Bibliográficas**

Bergson, Henri. Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São. Paulo : Martins Fontes, 1999.

Caputo, Stela Guedes. Sobre Entrevistas. São Paulo, Vozes, 2008.

Bosi, Eclea. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

Halwbachs, Maurice. Memória Coletiva. São Paulo, Ed. Centauro, 2013.

Medina, Cremila. Entrevista: diálogo possível. São Paulo, Ática, 1995.